



**ANÁLISE DO PROCESSO ANAFÓRICO EM TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CASCAVEL-PR**

**ANALYSIS OF THE ANAPHORIC PROCESS IN TEXTS PRODUCED BY STUDENTS IN THE THIRD YEAR OF HIGH SCHOOL OF A PUBLIC SCHOOL IN CASCAVEL-PR**

Eviliane BERNARDI<sup>1</sup>  
Aparecida Feola SELLA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa objetiva investigar o processo de referenciação realizado por meio das anáforas correferenciais recategorizadoras e não correferenciais em um *corpus* constituído por textos produzidos por alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Cascavel-PR, e verificar de que maneira o produtor do texto lida com o processo de retomada em suas produções escritas, (re)construindo objetos-de-discurso, os quais permitem verificar juízos de valor e propostas argumentativas do produtor do texto. Pautamo-nos em obras de autores fundamentados na perspectiva sociocognitiva e interacionista da linguagem, que consideram a linguagem uma forma de cognição sócio-histórica e de caráter interativo, tais como Mondada e Dubois (2003), Koch (2005), Marcuschi (2007a), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Observamos que as expressões referenciais contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, além de atuarem na progressão e coesão textual. No decorrer da pesquisa, verificamos que a seleção dos elementos lexicais presentes nos textos representam formas de conceber não somente o tema proposto em sala de aula mas também de avaliação vinculada a um projeto discursivo dos locutores. Consideramos este estudo importante para o ensino, pois contribui para que o professor desenvolva a competência linguística do aluno para a produção textual.

**PALAVRAS-CHAVE:** referenciação; objetos-de-discurso; categorização; argumentação.

**ABSTRACT:** This research aims to investigate the referentiation process performed by the recategorization coreferential anaphora and non-coreferential in a *corpus* constituted by texts produced by students of the High School third year of a public school in Cascavel – PR, and we intend to investigate how the producer of the text deals with the process of recovery, (re) constructing discourse objects, that allow verifying judgments and argumentative proposals of the producer. The research is guided by works of authors based on the sociocognitive interactionist language conception, who consider the language as a form of socio-historical cognition and of interactive character, as Mondada e Dubois (2003), Koch (2005), Marcuschi (2007a), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). We observed that the referential expressions contribute to elaborate the meaning, indicate points of view, point out argumentative directions, and act in the progression

<sup>1</sup> Discente do programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. eviliane@hotmai.com

<sup>2</sup> Profa. Dra. do programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. afsella1@yahoo.com.br



and textual cohesion. We noted that the lexical elements selection in the text represent ways of understanding not only the subject in the classroom but also evaluation linked to a discursive project of the speakers. We consider this study important for teaching, because it contributes to the teacher develop the language proficiency of students to the textual production.

**KEYWORDS:** referentiation; discourse objects; categorization; argumentation.

## Introdução

A referenciação é responsável pela introdução no texto de referentes novos ou inferíveis a partir de outros elementos do co-texto. Constituem-se, dessa forma, segundo Koch (2008d), as cadeias referenciais, garantindo-se a continuidade e, simultaneamente, a progressão referencial. No decorrer dessa progressão, estabelece a autora, os objetos-de-discurso são mantidos ou modificados, ou, quando da recategorização de referentes e das anáforas indiretas, novos objetos-de-discurso são criados.

O objetivo desta pesquisa é investigar o processo de referenciação realizado por meio das anáforas correferenciais recategorizadoras e não correferenciais, entre estas, mais especificamente, as anáforas associativas, nas produções textuais de alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Cascavel-PR e verificar de que maneira o produtor do texto lida com o processo de retomada em suas produções escritas, (re)construindo objetos-de-discurso, os quais permitem verificar juízos de valor e propostas argumentativas do produtor do texto.

A investigação proposta nesta pesquisa volta-se para as estratégias de referenciação utilizadas por alunos do terceiro ano do ensino médio em suas produções textuais, considerando-se que a progressão referencial é um aspecto da textualidade que merece destaque no trabalho com a produção textual, pois garante estabilidade e continuidade ao texto, atua na orientação argumentativa, progressão e coesão textual.

Para a investigação proposta nesta pesquisa, partimos da sondagem das estratégias de referenciação nas operações inferenciais presentes no processo de recategorização dos referentes por meio da seleção lexical como orientação de pontos de vista e propósitos argumentativos, considerando-se que no discurso argumentativo, mais particularmente, a designação é um ato fundamentalmente intersubjetivo, que exprime, largamente, o livre arbítrio e as estratégias persuasivas dos sujeitos falantes, conforme estabelecem Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995).



Selecionamos como *corpus* de análise uma produção textual de um aluno do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Cascavel-PR. Ressaltamos que a análise proposta não tem por objetivo usar os textos que constituem o *corpus* como pretexto para investigar as ocorrências anafóricas, mas busca verificar a contribuição das estratégias anafóricas correferenciais e não correferenciais para a construção da argumentação e da busca do aluno por atender à proposta de redação. Dessa forma, nosso foco de investigação nesta pesquisa é a possibilidade de (re)construção dos sentidos por meio da (re)construção dos objetos-de-discurso, tanto nas anáforas correferenciais quanto na anáfora não correferencial associativa.

O suporte teórico dessa abordagem será Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Koch (2005), Marcuschi (2007), Mondada e Dubois (2003), os quais propõem, a partir de uma concepção sociocognitiva e interacionista da linguagem, que a referenciação é uma atividade discursiva de (re)construção de objetos-de-discurso. “A referenciação no discurso – como aliás as demais atividades de produção textual de sentidos –, constitui uma construção de cunho sociocognitivo e interacional” (KOCH, 2008a, p. 41).

Considerando-se esse encaminhamento teórico, justificamos a realização desta pesquisa ao verificarmos a necessidade de aplicar ao ensino os conceitos de referenciação, propostos no interior da sociocognição, com a finalidade de contribuir para a formação de produtores de texto competentes, considerando-se que as escolhas lexicais do produtor do texto revelam seus propósitos argumentativos e intenções. Entendemos que esta pesquisa configura-se como contribuição nesse sentido, pois o trabalho com cadeias referenciais anafóricas, em diferentes gêneros discursivos, rende reflexões que podem auxiliar no ensino da leitura e produção textual.

Partindo dessas considerações, a hipótese inicial desta pesquisa é a de que os alunos (re)constroem os objetos-de-discurso em seus textos como forma de construção de seus argumentos e propósitos comunicativos, além de buscarem atender à proposta de redação, recorrendo desde anáforas correferenciais até as anáforas não correferenciais mais complexas.

### **A referenciação sob o ponto de vista da perspectiva interacionista e discursiva**

Os estudos realizados por estudiosos da Linguística Textual acerca da referência têm perpassado diferentes enfoques e concepções ao longo de décadas. De acordo com Zamponi



(2003), há duas tendências fundamentalmente opostas. A primeira entende que existe uma correspondência entre as palavras e as coisas e, para esta concepção, referir-se seria operar, por meios linguísticos, uma representação extensional de referentes do mundo. Esta perspectiva parte da metáfora do “espelho”, a qual, segundo Marcuschi (2007), postula que a linguagem é uma representação especular, um retrato do mundo.

A segunda tendência, explicitada por Zamponi (2003), fundamentada na concepção de que a língua é heterogênea, histórica, variável e socialmente construída, defende a referência enquanto resultado de uma operação colaborativa entre os parceiros da interação, e que os referentes são construídos no e pelo discurso. As atividades referidas são objetos-de-discurso, e o termo que passa a ser utilizado é “referenciação”, que implica atividade, e não mais “referência”, que mantém um sentido de estaticidade.

Os objetos-de-discurso não são entidades pré-estabelecidas que influenciam a forma como os falantes realizam a seleção lexical, mas emergem do discurso como uma atividade social. Os objetos-de-discurso são constituídos interativamente e discursivamente e, dessa forma, segundo Koch (2002), o discurso constrói os objetos a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção.

Nesta pesquisa, toma-se como direcionamento teórico a concepção ampla, defendida por autores como Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995), Koch (2005), Marcuschi (2007), Mondada & Dubois (2003), cujas pesquisas estão inseridas em uma concepção sociocognitiva e interacional da linguagem e socioconstrutivista do fenômeno referencial. Para esta perspectiva teórica, os objetos-de-discurso são construídos no interior do discurso, ou seja, nem sempre há relação entre a expressão referencial e o mundo, pois os significados são construídos colaborativamente ao longo do discurso. Entretanto, conforme advoga Alves Filho (2010), parece inevitável realizar associações entre o referente e “as coisas do mundo”, desde que se conceba que existem diversos mundos (imaginário, memorial, hipotético), ou seja, desde que não se restrinja o mundo apenas à empiria. Em outras palavras, “o referente inevitavelmente diz respeito às realidades extralinguísticas e não deveria ser confundido ou substituído unicamente pelo sentido das palavras” (ALVES FILHO, 2010, p. 209).

A escolha de uma expressão nominal com função de recategorização de referentes constitui uma escolha que será feita segundo a proposta de sentido do produtor do texto.



Conforme Koch (2005), trata-se da ativação, dentre os conhecimentos culturalmente pressupostos como partilhados, de características ou traços do referente que devem levar o interlocutor a construir dele determinada imagem, o que lhe permite extrair do texto informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do seu produtor, de modo a auxiliá-lo na construção do sentido.

Referenciar envolve interação e intenção no processo da língua em uso, pois o produtor seleciona o material linguístico que melhor se adapte ao seu ponto de vista ideológico, a fim de concretizar sua proposta de sentido. A situação discursiva referencial criada no momento interativo são entidades designadas classificadas por Koch (2006a) como objetos-de-discurso. Um dado objeto de discurso pode ser recategorizado de diversas formas, e a escolha de um determinado objeto é carregada de valores e posicionamentos.

Os sentidos de um texto em uma dada situação comunicativa dependem não somente da relação direta entre a expressão referencial e seu significado ou da estrutura textual em si mesma. Visto como lugar da interação verbal em que os interlocutores são sujeitos ativos empenhados dialogicamente na produção de sentidos, é na interação texto-sujeitos que os sentidos de um texto são construídos. O contexto é também de fundamental importância na questão da referenciação, uma vez que este tem relação direta com as escolhas lexicais do produtor do texto. Conforme Koch (2006a), os objetos-de-discurso a que o texto faz referência permitem que muita informação permaneça implícita. Dessa forma, o produtor do texto pressupõe, por parte do leitor, conhecimentos textuais, enciclopédicos e de mundo.

### **Expressões nominais anafóricas correferenciais: anáforas correferenciais recategorizadoras**

As anáforas correferenciais recategorizadoras, de acordo com Koch (2006b), podem se dar nas retomadas por hiperonímia/hiponímia, por termos genéricos e por meio de descrições nominais definidas ou indefinidas.

A terceira estratégia será abordada por ser a mais recorrente no *corpus* desta pesquisa. Trata-se da retomada referencial por meio de descrições nominais – expressões formadas por um nome, normalmente acompanhadas de um determinante e/ou modificador. Para Koch (2006b), o



uso de uma descrição nominal implica sempre uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, em função do projeto comunicativo do produtor do texto. Trata-se da ativação, dentre os conhecimentos pressupostos como partilhados com o interlocutor, de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar, como é o caso do exemplo citado por Koch (2006b, p. 269):

- (1) O prefeito é especialmente exigente para liberar novos empreendimentos imobiliários, principalmente quando estão localizados na franja da cidade ou em áreas rurais.[...]. “O crescimento urbano tem de ser em direção ao centro, ocupando os vazios urbanos e aproveitando a infra-estrutura, não na área rural que deve ser preservada”, repete o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia.

Nesse exemplo, observa-se que a escolha da descrição definida “o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia” tem função avaliativa, isto é, traz ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido, de acordo com Koch (2006b). Dessa forma, segundo a autora, o emprego de expressões nominais anafóricas opera a recategorização dos objetos-de-discurso, isto é, de que forma tais objetos vão ser reconstruídos de determinada forma, atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escrevente.

Nesse contexto, as anáforas correferenciais recategorizadoras são constituídas de acordo com escolhas estratégicas do produtor do texto, o qual, a cada recategorização, expõe suas crenças, pontos de vista e propósitos argumentativos.

### **Expressões nominais anafóricas não correferenciais**

A progressão referencial não implica necessariamente correferência, pois, segundo Koch e Marcuschi (1998), ela pode dar-se sem implicar retomada de referentes, fundada num contexto gerado no interior do próprio texto. Dessa forma, nem sempre as anáforas implicam



correferencialidade, pois podem promover uma recuperação indireta dos elementos referidos por meio de processos inferenciais.

### **Anáfora indireta e anáfora associativa: uma questão de classificação**

As anáforas indireta e associativa têm sido tema de muitas discussões e divergências entre os pesquisadores no campo de referenciação da Linguística Textual acerca da abrangência destas expressões, ao estatuto formal dos elementos relacionados e à própria natureza da relação estabelecida, de acordo com Zamponi (2003).

De acordo com Koch (2008c), a anáfora associativa explora relações meronímicas, isto é, aquelas em que entra a noção de ingrediência, uma relação em que, em virtude de um *frame*<sup>3</sup> cognitivo, um dos elementos pode ser considerado ingrediente do outro. Observa-se, no seguinte exemplo, que “casarão”, “plantações”, “instrumentos agrícolas”, “terreiro”, fazem parte do *frame* “fazenda abandonada”, o que lhes permite serem introduzidos sob o modo do conhecido, pelo artigo definido:

- (2) Chegamos à fazenda abandonada. O velho casarão encontrava-se em ruínas. O mato havia invadido por completo as plantações. Os instrumentos agrícolas estavam jogados no terreiro, completamente imprestáveis. Nenhum sinal de vida permitia imaginar a opulência que ali havia imperado em tempos passados. (KOCH, 2008c, p. 104)

A distinção entre anáforas indiretas e associativas, para Koch e Elias (2006), reside na consideração de que as anáforas indiretas caracterizam-se pelo fato de não existir no cotexto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação que se pode denominar de âncora e é decisivo para a interpretação, enquanto a anáfora associativa introduz um referente novo no

<sup>3</sup> Os *Frames*, conforme define Fávero (2006), são modelos globais que contêm o conhecimento comum sobre um conceito primário (geralmente situações estereotipadas), como natal, carnaval, imposto de renda, etc. Os *frames* são constituídos por elementos que fazem parte de um todo. A fim de ilustração, Fávero (2006, p. 66) cita o exemplo “festa de aniversário”, em que a atualização dessa expressão ativa na mente do interlocutor elementos como “bolo”, “brigadeiro”, “música”, etc.; esses elementos, segundo a autora, individualmente são conceitos, mas conjuntamente constituem um *frame* sobre festa de aniversário.



texto, por meio da exploração de relações meronímicas, ou seja, todas aquelas em que um dos elementos da relação pode ser considerado, de alguma forma, ingrediente do outro.

Quanto à anáfora indireta, esta se constituiria a partir de uma “relação indireta que se constrói inferencialmente, a partir do co-texto, com base em nosso conhecimento de mundo” (KOCH, 2004, p.65).

Koch (2006b) afirma que as anáforas indiretas caracterizam-se pelo fato de não existir no co-texto um antecedente explícito, mas sim uma âncora, elemento de relação que seria decisivo para a interpretação. A autora postula que tais anáforas são responsáveis pelo processo de introdução de novos referentes, ou ativação, o que acarreta uma ampliação do modelo textual, pela inserção de uma nova informação, além da reativação, que seria a remissão constante aos mesmos domínios de referência, responsável pela continuidade referencial, características estas fundamentais para a progressão textual, como pode se observar no seguinte exemplo:

- (3) O astrônomo italiano Galileu Galilei (1564-1642), perseguido pela Inquisição católica ao proclamar que a Terra não era o centro do Sistema Solar, ganhará uma estátua de mármore em tamanho natural nos limites do Vaticano. A obra ficará no alto da colina que aponta para a cúpula da Basílica de São Pedro. A homenagem é organizada pela Academia Pontifícia de Ciências, que teve Galileu em seus quadros até que ele, com a ajuda do telescópio revolucionário para a época, confirmou a teoria do polonês Nicolau Copérnico (1473-1543). (KOCH, 2008c, p. 105)

Nesse caso, para Koch (2008c), tem-se uma anáfora indireta, cuja interpretação exige do leitor operações sofisticadas de ordem conceitual. Dessa forma, segundo a autora, “estátua de mármore” e “a obra” ancoram a interpretação de “a homenagem”, sendo que há uma relação indireta que se constrói inferencialmente, a partir do cotexto e com base no conhecimento de mundo partilhado de que a construção de uma estátua constitui uma homenagem à pessoa retratada.

Diferentemente da autora, Marcuschi (2005) mantém a denominação indireta para todos os subtipos de anáfora não correferenciais. Constituídas por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem correspondência com um



anteriormente explícito no texto, conforme Marcuschi (2005), as anáforas indiretas (AI), estratégia endofórica de ativação de referentes novos sem que haja a reativação de referentes já presentes na superfície textual, constituem um processo de referência implícita. Segundo o autor, um caso típico de anáfora indireta seria este:

- (4) Essa história começa com uma família que vai a uma ilha passar suas férias. /.../  
Quando amanheceu eles foram ver como estava o barco, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá. (MARCUSCHI, 2005, p.53)

Neste caso, de acordo com a análise do autor para este exemplo, “o barco” é uma expressão referencial nova nesse texto, mas surge como se fosse conhecida, pois ancora (cognitivamente) na expressão nominal anterior “uma ilha”.

Marcuschi (2005) afirma que a anáfora indireta é o tipo mais amplo ou o fenômeno mais abrangente do qual os outros tipos de anáfora fazem parte, distinguindo, assim, a anáfora indireta da associativa. Entretanto, de acordo com Alves (2009), não é possível encontrar no trabalho de Marcuschi (2005) quais os tipos de anáforas que, para ele, seriam consideradas não-associativas. O autor não as cita, nem indica que características as dissociam das associativas.

Dessa forma, podemos perceber a falta de consenso entre os pesquisadores das anáforas não correferenciais para tais definições, ou seja, permanece a questão se as definições para a classificação desses tipos de anáforas feitas pelos autores são suficientemente esclarecedoras, questão que não será foco deste trabalho.

Consideramos que essa flutuação terminológica é apenas uma questão de nomenclatura, pois a ausência de retomada de referentes e a ativação de referentes novos, recuperáveis por meio de processos inferenciais, são requeridos tanto nas chamadas anáforas associativas quanto nas anáforas indiretas.

### **Tipologias das anáforas associativas**

A relação anafórica associativa pode constituir diversas tipologias. Dessa forma, procuramos realizar uma reflexão sobre os tipos de relações que servem de suporte para esse



fenômeno anafórico. Baseamo-nos, nesta pesquisa, na concepção das relações que a anáfora associativa pode ter com sua âncora postulada por Koch (2008c), Haag e Othero (2003), Silva (1998, 2003a, 2003b) e Marcuschi (2005). Ressaltamos que este trabalho não pretende abranger todas as relações estabelecidas pelos autores, mas sim explicitar as que consideramos principais na construção da argumentação: as anáforas associativas meronímicas e as anáforas associativas baseadas em *frames*.

Ao analisarmos as relações associativas meronímicas e as baseadas em *frames*, concordamos com Marcuschi (2005) que não é fácil estabelecer distinções claras e rígidas entre conhecimentos armazenados na memória (*frames*) e conhecimentos semânticos lexicalizados (meronímia), pois essas fronteiras são tênues e não há um sistema que se dê naturalmente, especialmente no que diz respeito a termos tão abrangentes quanto “a Amazônia”, “o desmatamento da Amazônia” e “a máquina de chuva”, que ocorrem com frequência no *corpus*.

### **Anáforas associativas meronímicas**

Tradicionalmente, o traço definidor das anáforas associativas meronímicas, de acordo com Cavalcante (2002), reside no estatuto semântico do nome nuclear anafórico, que deve ser semanticamente marcado como sendo “uma parte-de”, que se inclui por uma relação de ingrediência em uma entidade maior, perspectiva postulada por Kleiber (2001). Cavalcante (2002) cita os seguintes exemplos canônicos de anáforas associativas meronímicas:

- (5) O carro está acabado. A direção não aguenta mais.

Tradicionalmente, este seria um exemplo do conceito de anáfora associativa meronímica. “A direção” constitui parte essencial de “carro”, ou seja, espera-se que todo “carro” tenha uma “direção”.

As anáforas associativas meronímicas foram ampliadas por Silva (1998, 2003a, 2003b). Para a autora, as anáforas associativas meronímicas devem ser encaradas numa perspectiva abrangente de relação parte/todo, que inclua não só as entidades que tipicamente representam



parte de um todo, como o exemplo (7), mas também as entidades que se caracterizariam por poderem funcionar como potenciais partes da entidade englobante.

Essa associação meronímica é diferente da convencional prevista por Kleiber (2001), por exemplo, pois, conforme especifica Silva (1998), o discurso pode validar e até construir relações associativas diferentes das que espontaneamente se utilizam em geral. O estudo do léxico no âmbito do discurso, segundo Silva (1998), é importante, nomeadamente para o estudo da sua organização e construção, não impedindo, no entanto, uma abordagem específica do discurso que ultrapasse o domínio das pré-determinações léxico-semânticas.

Concordamos com o postulado de Silva (2003a) de que a meronímia não implica propriamente um processo de inclusão entre classes, mas antes a conexão entre dois elementos que estão mutuamente implicados. Há, nesse caso, uma espécie de inclusão entre a entidade que sofre a divisão e o resultado que dela decorre, conforme a autora, não estando, no entanto, as propriedades do todo obrigatoriamente incluídas nas suas partes, dado que uma parte não é semanticamente idêntica ao sentido do todo.

Nesse contexto, segundo Silva (2003a), existem dois tipos de merônimos: os canônicos, que correspondem às partes mais salientes de um todo, conforme o exemplo (7), e os facultativos, que não se encontram inscritos no estereótipo do todo ao qual estão ligados, como é o caso do seguinte exemplo citado por Marcuschi (2005, p.62)<sup>4</sup>:

- (6) Chegando ao edifício, tomei o elevador que ia até o décimo quarto andar. Era pelo menos o que dizia a tabuleta no alto da porta.  
- Sétimo – informei ao cabineiro.

Neste exemplo, entre as expressões “o edifício”, “o elevador” e “o cabineiro” ocorre anáfora associativa meronímica facultativa, pois há prédios que não possuem “elevador” ou “cabineiro”, expressões que não são, dessa forma, estereotipicamente partes do todo “edifício”.

A anáfora associativa configurada por meio de meronímia, conforme Silva (2003b), envolve a formulação de novas predicções em relação a objetos de discurso já introduzidos.

<sup>4</sup> Marcuschi (2005, p.62) nomeia as anáforas associativas meronímicas como “AIs baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs definidos”, entretanto trata-se do mesmo fenômeno.



Opera, dessa forma, no que se refere à progressão textual, um movimento de continuidade e progressão tópica do texto.

### **Anáforas associativas baseadas em *frames***

De acordo com Haag e Othero (2003), os frames são quadros ou modelos cognitivos que temos em nossa memória que mostram como se comporta e é identificado o mundo e a sociedade, por meio de elementos armazenados em esquemas mentais em nossa memória de longo prazo como conhecimentos de mundo organizados. Em uma anáfora associativa baseada em *frames*, a expressão nominal faz parte de um *frame* que foi disparado anteriormente por um elemento que funciona como âncora, como no exemplo citado por Haag e Othero (2003, p.10):

(7) Fui a um casamento ontem. A noiva estava linda, e a decoração impecável.

Neste exemplo, a expressão “um casamento” ativa em nossa mente elementos como “a noiva” e “a decoração”, de acordo com uma estrutura selecionada da memória, pois “noiva” e “decoração” fazem parte de um esquema cognitivo disparado pela âncora.

Dessa forma, as anáforas associativas baseadas em *frames* são ancoradas em representações conceituais ou relações cognitivas encapsuladas em modelos mentais que, de acordo com Marcuschi (2005)<sup>5</sup>, representam focos implícitos armazenados em nossa memória de longo prazo como conhecimentos de mundo organizados. Segundo o autor, os *frames* não são necessariamente ligados a itens lexicais específicos, mas podem ser ativados por itens lexicais, sendo assim uma espécie de ampliação de conhecimentos semânticos.

Sendo os *frames* modelos mentais que temos em nossa mente, segundo Haag e Othero (2003), eles são particulares para cada pessoa em cada cultura diferente. Para que possamos estabelecer uma relação clara e coerente entre a as expressões nominais e sua âncora textual, é preciso que partilhemos, conforme especificam os autores, de um conhecimento de mundo relativamente próximo ao conhecimento de mundo de nosso interlocutor.

<sup>5</sup> Marcuschi (2005, p.63) nomeia as anáforas associativas baseadas em *frames* como “AIs baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais”, entretanto trata-se do mesmo fenômeno.



Nessa perspectiva, Fávero (2006) postula que o *frame* deve ser visto não só como uma noção que se utiliza de esquemas cognitivos fixos, mas também como uma noção interativa em que a interpretação contextual é negociada pelos falantes, refletindo-se direta ou indiretamente em suas trocas conversacionais, perdendo, assim, seu caráter de fixidez e adquirindo maior dinamismo.

### **Descrição geral do *corpus***

O *corpus* sob análise é constituído por uma produção textual de um aluno do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Cascavel-PR e faz parte de um banco de dados de produções textuais coletadas no ano de 2010 pela Professora Doutoranda Alcione Tereza Corbari, desenvolvido no interior do Doutorado Interinstitucional em Letras e Linguística UFBA/UNIOESTE. Analisamos dez produções textuais, entretanto, de todo esse *corpus*, para organizarmos uma amostragem, optamos por analisar, neste trabalho, um texto para construir nosso recorte de análise.

O texto foi transcrito da forma como o aluno o produziu, sendo mantidos eventuais problemas como acentuação, ortografia, normas gramaticais em geral, questões que não são tratadas nesta pesquisa.

Segundo explicação da pesquisadora, Professora Alcione Tereza Corbari, a operação de textualização foi orientada a partir da leitura de textos diversos e de pesquisa acerca da temática solicitada na produção textual, dando condições para que o aluno obtivesse um conhecimento prévio a fim de organizar suas ideias na atividade de produção de seu texto.

A participação e orientação prévia do professor no intuito de levar o aluno a inicialmente pesquisar acerca do assunto a ser tratado e posteriormente iniciar a produção de seu texto são necessárias, inclusive no sentido de o professor ser mediador durante a escrita do texto.

### **A proposta de produção de texto**

Inicialmente, antes de passarmos para a análise do texto selecionado, iniciamos pela verificação da proposta que foi tomada como base para a produção do aluno. O texto



selecionado para análise foi produzido a partir da proposta de redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) 2008 selecionada pela professora:

### PROPOSTA DE REDAÇÃO

Pode parecer que os isótopos de oxigênio e a luta dos seringueiros no Acre tenham pouco em comum. No entanto, ambos estão relacionados ao futuro da Amazônia e a parte significativa da agroindústria e da geração de energia elétrica no Brasil. À época que Chico Mendes lutava para assegurar o futuro dos seringueiros e da floresta, um dos mais respeitados cientistas brasileiros, Eneas Salati, analisava proporções de isótopos de oxigênio na precipitação pluviométrica amazônica do Atlântico ao Peru. Sua Conclusão foi irrefutável: A Amazônia produz a parte maior de sua chuva; implicação óbvia desse fenômeno: o excesso de desmatamento pode degradar o ciclo hidrológico. Hoje, imagens obtidas por sensoriamento remoto mostram que o ciclo hidrológico não apenas é essencial para a manutenção da grande floresta, mas também garante parcela significativa da chuva que cai ao sul da Amazônia, em Mato Grosso, São Paulo e até mesmo ao norte da Argentina. Quando a umidade do ciclo, que se desloca em direção ocidental, atinge o paredão dos Andes, parte dela é desviada para o Sul. Boa parte de cana-de-açúcar, da soja, de outras safras agroindustriais dessas regiões e parte significativa da geração de energia hidrelétrica dependem da máquina da chuva da Amazônia. T. Lovejoy e G. Rorigues. *A Máquina de chuva da Amazônia*. Folha de S. Paulo. 25/7/2007 (com Adaptações)

O texto acima, que focaliza a relevância da região amazônica para o meio ambiente e para a economia brasileira, menciona a “máquina de chuva da Amazônia”. Suponha que, para manter essa “máquina de chuva” funcionando, tenham sido sugeridas as ações a seguir:

1 suspender completa e imediatamente o desmatamento na Amazônia, que permaneceria proibido até que fossem identificadas áreas onde se poderia explorar, de maneira sustentável, madeira de florestas nativas;



2 efetuar pagamentos a proprietários de terras para que deixem de desmatar a floresta, utilizando-se recursos financeiros internacionais;

3 aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promoverem desmatamentos não-autorizados.

Escolha uma dessas ações e, a seguir, redija um texto dissertativo, ressaltando as possibilidades e as limitações da ação escolhida. Ao desenvolver seu texto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.

O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.

O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.

O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.

A redação deve ser passada a limpo na folha própria e escrita a tinta.

Há nessa proposta do Enem 2008, retirada do site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) – [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br) – inicialmente um texto-base (artigo escrito por T.Lovejoy e G.Rogrigues sobre a máquina de chuva da Amazônia) que orienta o aluno a respeito do assunto a ser tratado em sua produção textual. Além disso, a proposta propõe que o aluno escolha uma dentre três ações sugeridas para que a máquina de chuva da Amazônia permaneça funcionando. Em seguida, solicita que o produtor redija um texto dissertativo, ressaltando as possibilidades e as limitações da ação escolhida.

A escolha dessa proposta, cujo gênero solicitado para produção é o texto dissertativo, deu-se devido ao fato de que o Enem é um exame realizado no Brasil em âmbito nacional e que, a partir do resultado desse exame, os alunos aumentam sua chance ou até mesmo, dependendo da instituição, ingressam na Universidade.



Dessa forma, por mais que os estudos do gênero orientem para a importância de se trabalhar gêneros textuais que circulam socialmente, os professores precisam considerar que o Enem, em sua prova de redação, ainda solicita que o aluno produza um texto dissertativo. Sendo esse exame uma porta de acesso à Universidade para os alunos da escola pública, é importante que os professores levem os alunos a exercitarem esse gênero escolar, pois, por mais que muitas vezes não circule socialmente, a vida do aluno da escola pública depende de um bom desempenho nessa produção textual.

### **Procedimentos de análise**

Para procedermos às análises, elaboramos uma tabela sinóptica das relações anafóricas levantadas, no qual se identifica a âncora da cadeia anafórica, o tipo de anáfora (correferencial recategorizadora ou associativa) e, no caso das anáforas associativas, as relações da anáfora com a âncora.

Veremos, nos textos sob análise, elementos em destaque. Os anafóricos são representados por sublinhado e o elemento âncora por negrito. Adotamos aqui a expressão “âncora”, pois

[...] este termo é mais adequado que “gatilho” que evoca inferências prospectivas; ou “antecedente”, já que nem sempre vem antes; além disso, uma “expressão-âncora” ativa significados desencadeando inferências potenciais ou relações possíveis nem sempre lexicalizadas, mas situadas no texto. (MARCUSCHI, 2005, p.95).

Ressaltamos que a análise realizada no *corpus* não exauriu as possibilidades de análise, pois selecionamos apenas cadeias anafóricas pertinentes para o foco de nossa pesquisa.

### **Análise do *corpus***



## Texto 1

Rezar para que o desmatamento acabe, ou fazer algo para contê-lo?

Em nosso cotidiano, os assuntos que mais nos chamam a atenção são problemas relacionados ao nosso meio ambiente. Algo fácil de ser resolvido, se aumentasse a fiscalização e aplicassem pesadas multas aos promovedores do (1.1) **desmatamento não-autorizado**. Além disso, todos deveriam estar conscientes de que (1.2) **a Amazônia** é uma (1.2a) grande fonte de vida para todo (1.3) o território brasileiro.

A revista Terramérica nos informa que (1.2b) a bacia amazônica apanha entre 12 e 16 mil Km<sup>3</sup> de água por ano mas nem todo esse total escorrem pelos (1.2c) rios. O restante se esvai na atmosfera em prol da evaporação (1.2d) das florestas, se distribuindo por todo o nosso continente.

Sem (1.1a) o aumento das fiscalizações, o desmatamento continua. Sendo assim, (1.4) **os famosos rios voadores** que seria (1.4a) a água em forma de vapor, sopradas como jatos de vento em até 3 mil metros de altitude e 50 Km/h, correm então um grande risco de se acabar.

O INPE nos informa, que se (1.4b) a máquina da chuva parar, várias (1.5) **catástrofes** ocorrerão em (1.3a) todo o território nacional. (1.5a) O aumento da temperatura poderá chegar em até 7°C, com esse calor em alta se prevê para 2011, (1.5b) chuvas com intensidade. Sendo assim, sem os jatos de vento para fazer a evaporação da água, se aumentará cada vez mais (1.5c) o risco de grandes enchentes.

(1.6) **A política brasileira** junto com todo o povo, deve tomar alguma (1.7) **decisão drástica** para que (1.2e) o território amazônico não acabe abaixo do despenhadeiro. (1.7a) A ideia mais sensata seria certamente (1.7b) o aumento das fiscalizações, pois assim, se as leis não fossem obedecidas, poderiam ser aplicadas (1.7c) grandes multas à quem desafiasse as leis, aprovadas e impostas, á favor (1.2e) do território amazônico.

(1.6a) O dinheiro público pagaria pessoas o suficiente para fazer essas fiscalizações, se nenhum (1.6b) político fosse (1.6c) subornado, com (1.6d) dinheiro sujo muitas vezes do desmatamento, que acaba cada vez mais com a qualidade de vida amazônica, (1.3b) nosso país estaria a salvo.



Já estamos vivendo às margens de (1.5d) um abismo sem fim, (1.5e) grandes consequências já estamos tendo. (1.5f) As grandes mudanças climáticas já mataram ou talvez deixaram pessoas sem lar.

Se não fizermos nada para essa realidade mudar, só podemos rezar, para que no (1.6e) plenário, (1.6f) os políticos que lá colocamos, usem a força e o poder que possuem, para assim criarem (1.7d) uma lei sensata de fiscalização que resolva o nosso problema.

Do texto 1 analisamos sete cadeias referenciais. Observa-se que essas cadeias são introduzidas no texto motivadas pelo conteúdo temático da proposta e retomam questões e expressões apresentadas no texto-base da proposta do Enem. Dessa forma, a introdução de referentes novos é previsível no conteúdo do texto, pois os alunos tomaram como apoio objetos-de-discurso construídos no texto-base, por exemplo, “a máquina da chuva da Amazônia”, e construíram as cadeias anafóricas a partir de elementos que fazem parte do universo discursivo da “Amazônia”. Além disso, há uma relação explícita entre as cadeias anafóricas e, a partir dessa relação, é construída a progressão e a coesão textual.

É possível verificar a introdução das anáforas associativas que exploram relações meronímicas (1.2b) a bacia amazônica, (1.2c) rios, (1.2d) as florestas, que compõem o cenário relativo à âncora (1.2) **a Amazônia**, por se tratar de elementos previstos para o cenário constituído pela Amazônia. Observa-se que as relações anafóricas estabelecidas são menos ligadas ao léxico e mais dependentes do conhecimento de mundo para a interpretação. Dessa forma, a linguagem, vista como atividade sociocomunicativa de acordo com a concepção sociointeracionista, leva o interlocutor a buscar, além de recursos de ordem linguística, também o contexto, as convenções sociais e culturais que fazem parte da construção dos sentidos. Nem sempre a relação semântica entre as anáforas e a âncora é condição suficiente para que a interpretabilidade seja efetivada, pois a compreensão depende também do conhecimento de mundo, cultural e enciclopédico, para que seja construído, de modo adequado, o sentido proposto.

A relação meronímica também pode ser observada na cadeia introduzida pela âncora (1.6) **A política brasileira**, em que as anáforas associativas (1.6a) o dinheiro público, (1.6b) político, (1.6c) plenário e (1.6d) os políticos mantêm uma relação de parte/todo com sua âncora textual,



ou seja, espera-se que na política haja políticos, plenário e dinheiro público, elementos que constituem o cenário da política. Além desses elementos previsíveis, ancoram-se de forma geral ao momento atual da política brasileira os elementos (1.6c) subornado e (1.6d) dinheiro sujo muitas vezes do desmatamento. Estes não são elementos que se espera que sejam ingredientes de “a política” em geral, entretanto, de acordo com a cultura brasileira constituída a partir das últimas décadas em que têm acontecido muitos casos de corrupção, essas anáforas associativas são totalmente previsíveis como sendo parte do todo “a política brasileira”.

Outra relação que pode ser verificada no texto 1 é a anáfora associativa em que a descrição definida faz parte de um *frame* que foi ativado anteriormente por alguma expressão no texto. De acordo com Haag e Othero (2003), os *frames* são quadros ou modelos cognitivos que temos em nossa memória. Dessa forma, (1.1a) o aumento das fiscalizações é uma anáfora associativa que faz parte do *frame* ativado pela âncora (1.1) **desmatamento não autorizado**, ou seja, o anafórico apresenta um elemento que dispara em nossa mente uma representação mental em que a descrição definida “o aumento das fiscalizações” é aceitável, pois, geralmente, quando se fala em desmatamento e se procura argumentar em favor do fim desse crime ambiental, fala-se em fiscalização. De acordo com Neves (2006), o *script* ou *frame* que estão na mente garantem as inferências que levam ao estabelecimento da relação associativa necessária à interpretação dos referentes.

A partir dessa mesma relação, (1.5a) o aumento da temperatura, (1.5b) chuvas com intensidade, (1.5c) o risco de grandes enchentes e (1.5f) as grandes mudanças climáticas são anáforas associativas que fazem parte do *frame* ativado pela âncora (1.5) **catástrofes**, pois uma catástrofe é um evento em que se espera fenômenos como o aumento da temperatura, chuvas com intensidade, grandes enchentes e grandes mudanças climáticas, ou seja, a expressão “catástrofe” evoca um esquema mental particular que temos dessa tragédia.

Nessa perspectiva, (1.7) **decisão drástica**, expressão que o produtor do texto insere em relação ao desmatamento da Amazônia, ancora as anáforas associativas que fazem parte de um *frame* ou esquema cognitivo (1.7b) o aumento das fiscalizações, (1.7c) grandes multas e (1.7d) uma lei sensata de fiscalização que resolva o nosso problema. Ocorre aqui a introdução de novos objetos-de-discurso, mas que são previsíveis na estrutura temática do texto, pois são



conhecimentos conceituais armazenados na memória, relacionados à nossa experiência, formando no texto uma rede semântica.

No decorrer do texto, a proposta argumentativa do produtor é construída, além de pelas anáforas associativas, por meio das anáforas correferenciais recategorizadoras. De acordo com Koch (2006b), nos casos de retomadas correferenciais por hiperonímia/hiponímia, por termos genéricos e por meio de descrições nominais definidas e indefinidas, ocorre uma recategorização do referente. É o que se pode verificar em (1.2a) grande fonte de vida para todo o território brasileiro, descrição nominal que recategoriza o referente (1.2) **a Amazônia**, ou seja, trata-se de uma anáfora correferencial recategorizadora que possui função avaliativa, pois o produtor do texto procura ressaltar ou enfatizar a importância da floresta amazônica para nós brasileiros, por se tratar de uma grande fonte de vida. Assim, o aluno realiza a seleção lexical evidenciando suas opiniões, crenças e atitudes em função de seu projeto comunicativo.

A expressão nominal anafórica (1.2e) o território amazônico também é um caso de anáfora correferencial recategorizadora que recupera correferencialmente o referente (1.2) **a Amazônia**. Além disso, as expressões (1.3a) todo o território nacional e (1.3b) nosso país são anáforas correferenciais que recategorizam a âncora (1.3) **o território brasileiro**. Entretanto, (1.3a) todo o território nacional trata-se de um caso de retomada correferencial por meio de descrição nominal definida, enquanto (1.3b) nosso país seria uma retomada correferencial por meio de um hiperônimo. A retomada referencial por meio de um hiperônimo de um objeto-de-discurso introduzido previamente por um hipônimo, segundo Koch (2006b), assegura um mínimo de estabilidade informacional, visto que a anáfora por hiperonímia funciona necessariamente por recorrência a traços lexicais. Nesse caso, afirma Koch (2006b), tem-se um menor grau de recategorização, visto que a carga semântica do hiperônimo, ao ser usado anaforicamente, se ajusta ao antecedente.

É possível verificar a argumentação do autor do texto a partir tanto das escolhas lexicais que faz quanto das anáforas fundadas no texto-base da proposta. Ao recategorizar o referente (1.4) **os famosos rios voadores** por meio da anáfora correferencial recategorizadora (1.4a) a água em forma de vapor, sopradas como jatos de vento em até 3 mil metros de altitude e 50 Km/h, observa-se que o autor procura inserir a cada recategorização informações que, segundo explicação da professora, foram pesquisadas e discutidas previamente em sala de aula. Portanto,



apesar de haver tomado como base informações discutidas em sala de aula e do texto-base da proposta, o aluno insere a cada retomada informações importantes e que considera relevantes para a construção do sentido do texto. Além disso, a anáfora correferencial recategorizadora (1.4b) a máquina da chuva, que retoma o referente (1.4) **os famosos rios voadores** é fundada a partir do texto-base, em que o aluno procura retomar a expressão a partir de um termo que caracterizasse o fenômeno.

Em seguida, em (1.5d) um abismo sem fim e (1.5e) grandes consequências, anáforas correferenciais recategorizadoras que retomam (1.5) **catástrofes**, o processo de referenciação atende à situação instaurada no texto, pois as expressões enfatizam a gravidade das catástrofes que ocorrerão ainda mais caso o ciclo hidrológico da Amazônia venha a ser prejudicado. Assim, as expressões nominais explicitam e orientam a avaliação do produtor do texto, o qual procura argumentar conforme solicitação da proposta de produção textual.

A condução do texto e do sentido é orientada a cada movimento de retomada em que o autor insere seus argumentos, sendo que o processo anafórico dá suporte ao ponto de vista que o produtor procura explicitar. Assim, como caracteristicamente nos textos dissertativos os alunos procuram apontar uma solução para o problema em questão, no texto 1 ao recategorizar (1.7) **decisão drástica** por meio da expressão nominal (1.7a) a ideia mais sensata, o autor direciona o sentido do texto de acordo com seus propósitos.

É possível observar, portanto, que o texto 1 apresenta várias ocorrências de anáforas associativas e anáforas correferenciais recategorizadoras, as quais constroem a argumentação e estabelecem a progressão e coesão textual. Verifiquemos a tabela abaixo:

ÂNCORA	ANÁFORA ASSOCIATIVA	/	ANÁFORAS CORREF.RECATEG.
	RELAÇÕES		
(1.1) desmatamento não autorizado	(1.1a) o aumento das fiscalizações	<i>Frame</i>	
(1.2) a Amazônia	(1.2b) a bacia amazônica		(1.2a) grande fonte de



	(1.2c) rios	Meróníma	vida para todo o território brasileiro.
	(1.2d) as florestas		(1.2e) o território amazônico
(1.3) o território brasileiro			(1.3a) todo o território nacional
			(1.3b) nosso país
(1.4) os famosos rios voadores			(1.4a) a água em forma de vapor, sopradas como jatos de vento em até 3 mil metros de altitude e 50 Km/h
			(1.4b) a máquina da chuva
(1.5) catástrofes	(1.5a) o aumento da temperatura	<i>Frame</i>	(1.5d) um abismo sem fim
	(1.5b) chuvas com intensidade		
	(1.5c) o risco de grandes enchentes		(1.5e) grandes consequências
	(1.5f) as grandes mudanças climáticas		
(1.6) A política brasileira	(1.6a) O dinheiro público	Meróníma	
	(1.6b) político		
	(1.6c) subornado		
	(1.6d) dinheiro sujo muitas vezes do desmatamento		
	(1.6e) plenário		



	(1.6f) os políticos		
(1.7) decisão drástica	(1.7b) o aumento das fiscalizações	<i>Frame</i>	(1.7a) a ideia mais sensata
	(1.7c) grandes multas		
	(1.7d) uma lei sensata de fiscalização que resolva o nosso problema		

Tabela 01 – Relações anafóricas no texto 1

### Considerações finais

No texto analisado, as estratégias de referenciação utilizadas, anáforas correferenciais recategorizadoras e anáforas associativas, atuam como argumentos para defender e corroborar a tese defendida por eles de acordo com a solicitação da proposta de redação, ou seja, os alunos procuram defender um argumento em favor da Amazônia. De acordo com Santos (2009), além de fornecer informações acerca dos objetos discursivos, as expressões nominais podem funcionar como expressões denotativas do contexto em que os referentes se inserem, expressando a avaliação do autor sobre esses elementos.

O texto analisado é construído de acordo com o direcionamento dado no texto-base, isto é, grande parte das cadeias anafóricas levantadas demonstram a recorrência a termos como “a máquina de chuva da Amazônia” e “o ciclo hidrológico”, expressões abordadas no texto-base que o aluno se apropria com a possível finalidade de atender ao direcionamento argumentativo esperado pela proposta.

Observamos que a maioria das anáforas associativas baseiam-se em relações de *frame* ou meronímicas, possivelmente por se tratarem de relações fundadas em conhecimentos de mundo e culturais, que os alunos trazem em sua bagagem cognitiva ou adquirem no momento da discussão em sala de aula e da leitura do texto-base da proposta de redação.

Observamos que essas anáforas cumprem a função no texto de marcar a argumentação, pois são motivadas pela proposta de produção textual e sua temática e, com isso, o autor procura



garantir que sua produção seja satisfatória, remontando às concepções e critérios estabelecidos pela proposta do Enem.

Pudemos verificar, a partir das considerações realizadas, que a (re)construção dos objetos-de-discurso é uma estratégia discursiva que regula e promove a progressão textual, atua na orientação argumentativa e na (re)construção dos textos e dos sentidos.

As anáforas correferenciais recategorizadoras, em que se dá a recategorização dos objetos-de-discurso presentes na superfície textual, orientam o sentido e a argumentação do texto. Entretanto, não são apenas as anáforas correferenciais que implicam argumentação, mas, como se pôde perceber a partir das análises, as anáforas associativas também estabelecem recategorização, gerando um novo sentido ao texto, embora mantenham relação com a âncora, pois os objetos-de-discurso são construídos e reconstruídos no processo de interação.

Conforme Koch (2008c), as expressões nominais referenciais são fundamentais nos processos de construção, categorização e recategorização dos objetos-de-discurso, e são, portanto, elementos importantes na construção textual dos sentidos. Longe de apresentar conclusões acerca da progressão referencial em textos produzidos por alunos, esta pesquisa tem por objetivo contribuir para o ensino de produção textual, pois, conforme Cavalcante (2007), cabe ao professor conduzir o aluno a lidar com processos referenciais, para que este compreenda o que está explícito no texto e o que só se obtém de maneira implícita, por inferência.

Para isso, os alunos dependem de orientação acerca do uso dos elementos referenciais, além de ser necessário que eles observem em outras produções os efeitos de sentido construídos por meio de cada tipo de anáfora. Concordamos com Lima (2008) que, para que os alunos se tornem capazes de observar as possibilidades de construções de cadeias anafóricas e suas implicações no significado de suas produções, o professor precisa levá-los a observar cadeias anafóricas em outros textos, comparar efeitos de sentidos, recriar cadeias com diferentes propósitos e significados.

Dessa forma, as estratégias referenciais, conforme Biezus (2010), devem ser trabalhadas em sala de aula com os alunos, os quais podem utilizá-las em suas produções textuais quando tiverem a intenção de evidenciar sua posição, seus valores, suas crenças e seu ponto de vista sobre o assunto.



As análises realizadas permitiram verificar que o aluno é capaz de utilizar em seu texto anáforas associativas que dependem de inferência para sua interpretação, além das anáforas correferenciais recategorizadoras, as quais permitem a inserção da argumentação a cada movimento de retomada. Dessa forma, acreditamos que a abordagem da referenciação em sala de aula auxiliaria para que os alunos se tornassem leitores e produtores de texto proficientes, aprimorando sua capacidade crítica e argumentativa.

## Referências

- ALVES FILHO, Francisco. Sua casinha é meu palácio: por uma concepção dialógica de referenciação. In: *Linguagem em (Dis)curso*. Palhoça-SC, v. 10, n. 1, jan./abr. p. 207-226, 2010. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/1001/100109.pdf>, acesso em 15/ago./2010.
- ALVES, Antonia Suele de Souza. *Anáforas indiretas – uma rediscussão dos critérios classificatórios*. Dissertação de Mestrado. UFC, 2009. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=166770](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=166770)> Acesso em: 21/06/2011.
- APOTHÉLOZ, Denis. & REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et stratégies de désignation. In : BERRENDONNER, Alain. & REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. *Du syntagme nominal aux objets-de-discours : SN complexes, nominalisations, anaphores*. Neuchâtel : Tranel, 1995, p. 227-271.
- BIEZUS, Marly de Fátima Gonçalves Tavares. *Processos de retomada em conto de Eça de Queirós: um olhar voltado para o ensino*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2010.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Teoria e análise linguística: anáforas indiretas e relações lexicais. *Revista do Gelne*. Ano 4. n. 1. 2002, p. 1-6. Disponível em: <[www.gelne.ufc.br/revista\\_ano4\\_no1\\_14.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no1_14.pdf)> Acesso em: 12/10/2011.
- \_\_\_\_\_. Compreensão e produção de textos. In: Ministério da Educação. *Um mundo de letras: práticas de leitura e escrita*. SEED-MEC, 2007, p. 63-79.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.



HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. Anáforas associativas nas análises das descrições definidas. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 1. n. 1., 2003, p. 1-15. Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)> Acesso em: 15/03/2010.

KLEIBER, Georges. *L'anaphore associative*. 1 ed. Paris: PUF, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística textual e ensino de português. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a, p. 187-200.

\_\_\_\_\_. Produção e compreensão de textos: a perspectiva da Linguística Textual. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b, p. 201-211.

\_\_\_\_\_. Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso. *Investigações*. v. 21, 2008c, p. 99-114.

\_\_\_\_\_. Progressão referencial, progressão temática e progressão tópica. In: KOCH, I. G. V. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008d, p. 119-134.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006a.

\_\_\_\_\_, Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, Graça Maria; SILVA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia Maria. (Org.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1 ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006b, v. 1, p. 263-276. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4564.pdf>> Acesso em: 07/06/2009.

\_\_\_\_\_. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 34-52.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. In: *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, MG, v. 6, n. 1, 2002, p. 42-29. Disponível em: <<http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/10/cap02.pdf>> Acesso em: 24/05/2011.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_.; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. In: *Delta*, v. 14, 1998, p. 169-190.



LIMA, Siumara Aparecida de. *Relações anafóricas em textos produzidos em situação escolar no ensino médio*. Tese de Doutorado. UFPR, 2008. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/14069>>. Acesso em: 04/05/2011.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos-de-discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães, RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. (orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

\_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Mara Terezinha dos. *Um estudo do processo de referenciação presente no gênero midiático crônica*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2009.

SILVA, Fátima. A dimensão cognitiva da anáfora associativa: um exemplo. In: VILELA, Mário; SILVA, Fátima. (Orgs.). *Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva*. Porto: Faculdade do Porto, 1998, p. 253-268. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4516.pdf>> Acesso em: 18/03/2011.

\_\_\_\_\_. Contributo da hiponímia e da meronímia para a configuração de relações anafóricas. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, XX, 2003a, p. 657-672. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3986.pdf>> Acesso em: 18/03/2011.

\_\_\_\_\_. O ponto de vista da meronímia sobre o papel do léxico no texto. In: *Cadernos do CIFEFIL – Léxico e Semântica*, série VII, v. 6, 2003b, p. 115-129. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno06-13.html>> Acesso em: 04/10/2011.

ZAMPONI, Graziela. *Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações*. Campinas. Tese de doutorado. IEL/Unicamp, 2003. Disponível em: <http://www.unicamp.br/anuario/2003/IEL/IEL-tesedoutorado.html>, acesso em 15/06/2011.